

## Estudo e valorização da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos (Lustosa, Lousada)

Paulo Lemos\*, Joana Leite\*\* e Manuel Nunes\*\*\*

### Resumo

O presente artigo surge no seguimento dos trabalhos arqueológicos em curso na Serra dos Campelos (Lustosa – Lousada), relacionados com o processo de requalificação do espaço arqueológico inerente ao projecto de criação do *Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos*. Este estudo de clarificação e valorização da actual realidade arqueológica da área considerada, nasce da vontade e empenho da Câmara Municipal de Lousada na requalificação daquele arqueosítio, tendo o projecto sido pautado por uma série de iniciativas que, entre outros resultados, revelaram um património de arte rupestre inédito ao Concelho.

**Abstract:** The present article comes to light in the course of the archaeological intervention in Serra dos Campelos (Lustosa-Lousada), related to the process of requalification of the archaeological space inherent to the project to create the *Arqueoambiental Centre of Serra dos Campelos*. This study of clarification and valuation of the present archaeological reality of the area, is born of the will and effort of the Town-Hall of Lousada, in the requalification of that archeosite, the project having been ruled by a great number of initiatives, that, among other results, reveal a patrimony of rupestral art, inedited in the municipality.

### 1. Enquadramento geomorfológico da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos

O espaço físico a que o nosso estudo se reporta corresponde à área de suspensão parcial do Plano

Director Municipal da Câmara Municipal de Lousada, num total de 170 hectares, bem como à totalidade da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos e suas áreas envolventes, uma vez que o seu núcleo 1, que se localiza fora da referida área de suspensão, também mereceu o mesmo tratamento (Fig.15).

\* Arqueólogo. Co-responsável pelo Projecto do Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos.

\*\* Arqueóloga. Co-responsável pelo Projecto do Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos.

\*\*\* Arqueólogo. Co-responsável pelo Projecto do Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos/Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

O conjunto megalítico da Serra dos Campelos localiza-se no distrito do Porto, no extremo Norte do concelho de Lousada, na freguesia de Lustosa, folha 99 da Carta Militar de Portugal, a cerca de 3 km da sede da freguesia e a cerca de 40 km, por estrada, da cidade do Porto (Jorge, 1982:515) (Fig. 1). O seu acesso realiza-se através da Estrada Nacional 106, no sentido Guimarães Penafiel, onde, sensivelmente ao km 11+260, se corta à esquerda seguindo-se então pela Estrada Municipal 562 até à referida Serra dos Campelos. O conjunto da necrópole estende-se por três núcleos distintos, que se explanarão no decorrer do artigo, e que se distribuem ao longo da referida EM 562.

O concelho de Lousada é um dos 17 concelhos que integram o Distrito do Porto, situando-se no interior Nordeste do mesmo, na denominada sub-região do “Vale do Sousa”, uma extensa área territorial

composta por 6 concelhos (Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel), com características geomorfológicas e edafo-climáticas muito próprias. O município de Lousada é actualmente composto por 25 freguesias<sup>1</sup>, que se distribuem por uma superfície total aproximada de 96 km<sup>2</sup>, constituindo um espaço relativamente heterogéneo, ocupando a maioria delas uma área inferior a 380 hectares. A freguesia de Lustosa ocupa uma superfície total de 1038 hectares, constituindo a maior freguesia do concelho em área, bem como a mais populosa, com 4437 habitantes<sup>2</sup>.

O município de Lousada encontra-se abrangido, na sua quase totalidade, pela bacia superior do rio Sousa, juntamente com o concelho de Felgueiras, fazendo parte de uma área bem individualizada que é o Entre-Douro-e-Minho, que pode ser definida como “uma verdadeira bacia de recepção e drenagem, com um conjunto de linhas de água que, descendo dos montes que a rodeiam, confluem para uma outra que origina o rio Sousa, correndo no sentido NE-SW” (Mendes-Pinto, 1995:267).

Esta bacia explana-se num autêntico anfiteatro, rodeado “a Sul e Sudeste pela linha de elevações que, vinda de Santa Marta (Penafiel), e passando pela Trovoada, Santa Marinha e Ladário, fazem a separação com o vale do Tâmega; a Leste e a Norte pelos cabeços de Crestins, Simães, Santa Quitéria e São Domingos, fechando a Noroeste com os montes de Penacova, Barrosas e a Serra de Campelos, que a separam do vale do Vizela” (Mendes-Pinto, 1995:268) (Fig. 16).

Estes cumes propiciam altitudes máximas que frequentemente ultrapassam os 400 m, nomeadamente no extremo Norte e Nordeste do concelho – Monte de Santa Águeda (577 m), Monte Telégrafo (578 m), Cabeço da Agrela (474 m), Monte de Pena Besteira (480 m) e Monte dos Maragotos (505 m) – e no rebordo Sul do município o Monte Felgueiras

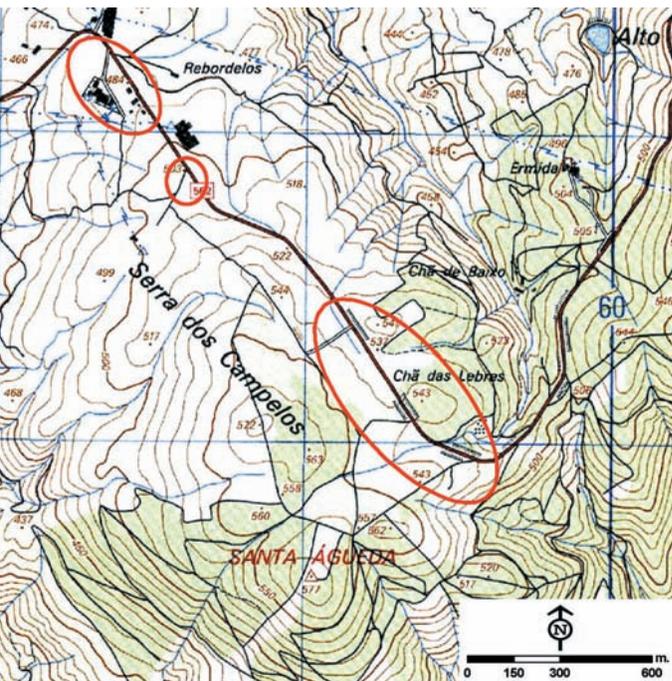


Figura 1. Carta Militar com a implantação dos 3 núcleos da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos (Luis Sousa).

<sup>1</sup> Em 1998 (Lei n.º 63/98 de 1 de Setembro), a freguesia de Santa Eulália de Barrosas, na sequência da instituição do concelho de Vizela, desvinculou-se do concelho de Lousada, passando, desde então, a integrar o município de Vizela.

<sup>2</sup> Instituto Nacional de Estatística – Censos 2001.

(455 m), sendo a cota média de 450 m. Paralelamente, as zonas mais baixas oscilam entre os 132 e os 300 m, correspondendo aos vales de Sousa e Mezio, a Sul, e vale da Ribeira de Sá e Ribeira de Lustosa, na parte Norte.

Geologicamente, distinguem-se dentro dos limites do concelho duas áreas: a primeira corresponde à área Noroeste e é constituída por xistos e metagrauvaques do Silúrico inferior, e a segunda, situada a Sudeste da primeira, corresponde aos Montes de Barrosas e à Serra dos Campelos. Desta forma, a Serra dos Campelos situa-se numa “*orla de metamorfismo de contacto, com corneanas e metassedimentos recristalizados, confrontando a Sul com uma mancha de rochas tardi-tectónicas formada por monzogranitos biotíticos, porfiróides, de grão grosseiro, e apresentando uma pequena bolsa sintectónica de granito de grão médio com duas micas, conhecido por granito de Lousada*” (Mendes-Pinto, 1995:268).

Assim, será de relevar, em particular, o complexo montanhoso formado pelas Serra dos Campelos e Maragotos (freguesias da Alvarenga, Ordem, Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas), que, no seu conjunto, dão corpo a um maciço alongado, de topografia acidentada, com vertentes abruptas, desníveis importantes e vales profundos, que pode ser subdividido em quatro blocos, individualizados pelo forte encaixe da rede hidrográfica, aproveitando falhas de direcção NO-SE. O primeiro, formado pela Serra dos Campelos, “*apresenta o aspecto geral de um domo granítico com vertentes de forte declive, conservando no topo uma superfície relativamente plana, embora evidencie uma certa degradação face ao desenvolvimento de valeiros pouco profundos*” (Soares, 1992:164). O segundo, formado pelo bloco da Ermida, desenvolve-se a uma cota relativa de 450 m, e dá corpo a um degrau que separa a Serra de Campelos do Alto da Senhora, a terceira unidade aqui definida. Por último, a Serra de Maragotos, uma elevação alongada e de cumeada levemente aplanada que revela vertentes com declives escarpados.

Relativamente às características do solo, de referir que a Norte temos uma zona com características do Minho Central, seguindo-se uma zona de montanha, pobre do ponto de vista agrícola, reve-

lando apenas apetência para a floresta e, finalmente, a zona Sul, com características já do Baixo Minho, sendo a que apresenta melhores condições para a agricultura.

## 2. O megalitismo

De acordo com a raiz etimológica, a designação “*megalitismo*” apenas deveria ser aplicada às construções com grandes blocos monolíticos – o *dólmen* (palavra de origem bretã, derivada de *tol* = mesa + *men* = pedra) ou o seu equivalente português *anta* (palavra latina), designando quase tudo o que diz respeito ao megalitismo funerário.

O megalitismo é pois um fenómeno das antigas sociedades camponesas que ocorreu a nível planetário e estrutural, não sendo apenas uma manifestação ocasional e geograficamente localizada. “Desde a Europa – onde tudo indica ter emergido em primeiro lugar – até à Colômbia, passando por Madagáscar, a prática de enterrar os mortos em grandes construções, formadas por pedras ou outros materiais, (...) é constatada em diversos momentos, desde a Pré-História até à época contemporânea” (Gonçalves, 1999:10).

O megalitismo desenvolveu-se desde o final do Neolítico até à Idade do Bronze, integrando-se numa malha de monumentos europeus similares, fazendo o Norte de Portugal, a Galiza, as Astúrias e o ocidente de Leão e Zamora, parte de uma mesma zona megalítica, o designado *megalitismo atlântico peninsular*.

Perante a “*diversidade de estruturas funerárias e não funerárias que hoje se conhecem, o megalitismo não é redutível apenas a uma expressão construtiva mas antes a um conjunto de práticas económicas, sociais, religiosas, políticas e mentais, pelo que o termo adquiriu com o tempo, um significado mais abrangente*” (Silva, 2004:46).

Não obstante essa proliferação de sentidos, e encarando sobretudo a arquitectura funerária, reconhece-se que a função destes túmulos é principalmente funerária, uma vez que serviam maioritariamente para enterramentos colectivos, representando um elemento do quadro mental e simbólico dos seus construtores, como referencial ideo-

gráfico e de protecção do defunto ou defuntos que lhe subjazem (Idem:48).

Estruturalmente, um monumento megalítico compõe-se de uma sepultura (*anta* ou *dólmen*), de uma *mamo*a ou *túmulo* (também designado de *cairn* – do bretão – quando em pedra), e apresenta-se de planta, dimensões e composições variadas (Idem:48), embora se verifique frequentemente que a forma das mamoas é, regra geral, a de uma calote esférica, e a sua altura máxima e diâmetro muito variáveis. As mamoas são edificadas em terra e com recurso a pedras de pequeno porte, isto porque se as mesmas fossem apenas construídas em terra seriam facilmente destruídas a curto prazo pelos agentes erosivos, deixando exposto, desse modo, o túmulo megalítico. É por esta razão que as mamoas foram escoradas com pedras, quer em superfície, quer perifericamente, encontrando-se assim consolidadas por um suporte de contenção (Jorge, 1978:444).

De referir, no entanto, que a frequente reutilização destes monumentos é uma das suas características mais elementares. Depois da sua construção inicial, pelo menos desde a Idade do Bronze, altura em que eram aproveitados para enterramentos ocasionais, na Idade do Ferro, ocupação romana e Idade Média, a utilização destes monumentos fez-se de maneira distinta, sendo muitas vezes usados como abrigos temporários e como marcos topográficos e de divisão de propriedades. “*A utilização das mamoas (...) com estes específicos propósitos não é de estranhar [uma vez que] as mamoas destacam-se claramente na paisagem [onde] representam bons e duráveis pontos de referência*” (Gonçalves, 1999:9).

### 3. O megalitismo no Norte de Portugal

De acordo com Vítor Oliveira Jorge (2002:19), o Neolítico Médio/Final (4.700/4.500 a.C. – 3.500 a.C.) corresponde à época do designado “*megalitismo*”, ou seja, é o mundo dos “*mortos*” e de uma realidade de “*necrópoles*”. Assim, e para o Norte de Portugal, conhecemos “*necrópoles megalíticas*” mais ou menos concentradas ou dispersas. Isto significa que os diversos monumentos se encontravam, ou perto uns dos outros, constitu-

indo núcleos, ou mais afastados entre si, mas suficientemente próximos para os podermos agrupar na mesma *necrópole*. Ainda de acordo com o mesmo autor, estas “*necrópoles organizaram-se segundo uma lógica que poderíamos designar aditiva*”. Isto é, a uma *mamo*a, inscrita num *plateau*, poderia sempre juntar-se outra, e outra concebida como *módulos*, em termos arquitectónicos. Contudo, não possuímos quaisquer indícios que nos demonstrem um projecto da área abrangida pelas *necrópoles* (Jorge, 2002:20).

As comunidades neolíticas estabeleceram nessas *necrópoles* a morada definitiva dos seus mortos, e tendo em conta que os enterramentos se realizavam isoladamente, não será de estranhar a forte significância de que são revestidos. O facto de somente alguns dos mortos terem o privilégio de serem colocados nessas “*casas definitivas*” poderá significar que correspondiam a enterramentos excepcionais, com uma grande carga simbólica, reflectindo um eventual papel social de enorme importância, explicativo de um tão grande investimento de energia (Idem:21).

As *necrópoles* megalíticas constituem assim um somatório de diversos actos individualizados no tempo, o que concede a estes enterramentos um carácter “*colectivo*” que pode não corresponder à intenção inicial.

Por outro lado, colocam-se-nos as mesmas dúvidas enunciadas por Carlos Alberto Brochado de Almeida (1991:36): *Estarão eles [os povoados] nas imediações dos túmulos que ergueram? Serão povoados do tipo sazonal e, portanto, com poucas estruturas remanescentes? Seriam povoados do tipo aberto sem qualquer carácter defensivo e com habitações em materiais perecíveis?* A resposta possível, ainda que sob a forma de analogia com outros espaços funerários de cariz megalítico conhecidos na região (e.g. Serra da Aboboreira), dá-nos conta de vestígios que indiciam uma provável presença de habitats nas proximidades dos monumentos sob *tumulus*, como seja o alto teor em fosfato de alguns solos antigos subjacentes aos túmulos, a presença de artefactos, e a abundância de moinhos manuais aparentemente reaproveitados como material de construção. Na verdade, estes dados parecem apontar para uma provável convivência das tumulações

com os frágeis habitats, feitos em materiais perecíveis, “*adentro de um padrão de povoamento provavelmente disperso*” (Jorge, 1989:403), temporário e cíclico durante o ano, com uma ocupação das áreas de altitude durante o período estival e uma descida às áreas mais abrigadas, de vale e meia encosta, durante o Inverno (Stokler, 2000:90).

No Norte de Portugal a construção de monumentos megalíticos estende-se desde o litoral até ao interior, mas é claramente predominante na zona atlântica e na parte Oeste da zona transmontana. Encontram-se desde a costa até às chãs aplanadas das serras do interior, a diferentes cotas que vão desde escassos metros acima do nível do mar, até cerca de 1300 m – veja-se o caso das necrópoles de Castro Laboreiro, da Mourela e da Serra Amarela no Parque Nacional da Peneda-Gerês – embora seja acima dos 700 m que surgem a maior parte das *mamoas*.

Encontram-se edificadas em locais com claro domínio da paisagem, fruto do desejo de domesticação de territórios que constituem o espaço envolvente, normalmente nos planaltos das regiões graníticas, correspondentes, regra geral, a linhas divisórias de águas e em particular na proximidade da respectiva nascente, evitando as encostas ou a proximidade de afloramentos.

São fruto de comunidades agrícolas ou essencialmente pastoris, com diferentes ritmos de fixação ao território, que acrescentaram significados particulares aos monumentos funerários que construíram e/ou utilizaram. Assim se justifica o polimorfismo desta arquitectura funerária enquanto concretização regional, historicamente associado a um movimento amplo de domesticação e conquista dos territórios (Diniz, 2000:114-115).

Consequência deste polimorfismo, são os diferentes tipos de monumentos megalíticos funerários presentes no Norte de Portugal, nomeadamente os *Tumuli em terra*, com revestimento de pedras imbricadas, abrangendo toda a superfície (couraça) ou somente a periferia (coroa circular). Quanto às suas estruturas internas, estas podem apresentar: *fossas*; *cistas*; *cistas megalíticas*; *dólmen simples* (abertos ou fechados); *dólmen com vestibulo* (quando a entrada do dólmen se encontra simbolicamente marcada por duas lajes, alongadas, mas de pequena

altura); *dólmen de corredor* (podemos distinguir dois tipos: o primeiro corresponde aos dólmen de corredor e câmara bem diferenciados, o segundo grupo é o dos dólmen que apresentam indiferenciação entre câmara e corredor). Finalmente, de referir os *Tumuli em forma de cairn*, ou seja, apenas construídos com pedras (Jorge, 1985:277 - 279).

#### 4. O megalitismo em Lousada

A ausência de jazidas paleolíticas que comprovem a ocupação humana do actual concelho de Lousada durante a Pré-história antiga, em virtude, provavelmente, da exiguidade dos depósitos fluviais Quaternários existentes (Mendes-Pinto, 1992), remetem os primeiros vestígios de ocupação humana para as pequenas comunidades agro-pastoris que, na passagem do nomadismo à sedentarização, se terão fixado nesta região no decurso do período Neolítico, talvez já durante o Neolítico Final, conforme se depreende pela presença, nas Chãs da Serra dos Campelos (Lustosa), no extremo Nordeste do concelho, de uma Necrópole Megalítica.

Apesar da notoriedade destas tumulações, permanecem desconhecidos os povoados com elas relacionados. Se os povoados correspondentes a estas comunidades agro-pastoris permanecem obscuros, os túmulos, esses, conhecemo-los, não apenas pelas estruturas visíveis na paisagem, de que a Necrópole dos Campelos é o derradeiro testemunho no espaço actual do concelho, mas também pela documentação antiga e pela toponímia.

As raras referências documentais a este tipo de monumentos remontam, na região de Lousada, à Idade Média, mais concretamente ao século XII (1113). Embora se desconheça a localização exacta dos monumentos mencionados – *mamoas de Vilarinho* e *mamoas da Torre* – porquanto a documentação lhes alude no âmbito de uma carta de venda que enuncia os limites da *villa Bolio (Nespereira)*, é possível, com algum grau de certeza, balizá-los no espaço da freguesia de Nespereira ou, possivelmente, na freguesia de Lodaes. Para além da documentação, também a toponímia se converte em precioso suporte informativo quando toca a localizar possíveis monumentos megalíticos. E se *Arcas*, lu-

Freguesia	Topónimo	Observações
Boim	<i>Arcas</i>	—
Caíde de Rei	<i>Pedranta</i>	—
Nespereira (Lodares?)	<i>Mamoas de Vilarinho</i>	<i>Mamoa da Torre</i> Referência documental do século XII respeitante a uma carta de venda de metade da <i>villa Bolio</i> (Lugar da Bola – Nespereira) <sup>3</sup> .
Torno	<i>Antas</i>	—

**Tabela1.** Referências a topónimos de cariz megalítico existentes no concelho de Lousada.

gar da freguesia de Boim, ou *Pedranta* (aglutinação provável de *Pedra da Anta*), na freguesia de Caíde de Rei, poderão suscitar algumas reservas por se poderem associar a outro tipo de interpretações, o mesmo não se poderá aventar para o topónimo *Antas*, na extrema administrativa da freguesia do Torno, indubitavelmente conotado com túmulos megalíticos que, na totalidade dos casos aqui referidos, já não existem, por terem dado lugar a terras de cultivo ou áreas habitacionais.

De grande potencial arqueológico, a Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos atraiu, desde cedo, a curiosidade de investigadores que, apesar de várias tentativas de estudo do local, compreenderam-no apenas na singularidade de cada monumento *per si*, tendo deixado como legado das suas abordagens ao local pouca da complexidade interpretativa que o conjunto megalítico merecia. Este longo percurso de entendimento do sítio iniciou-se em 1971, altura em que F. Lanhas referiu pela primeira vez a existência de diversas mamoas na Serra dos Campelos. Porém, é só com os trabalhos do Dr. Armindo de Sousa, da Dra. Fátima de Sousa, do Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge, da Prof. Dra. Susana Oliveira Jorge e do Dr. Huet de Baccalar, que se efectua o primeiro esforço de localização das mamoas que viriam a dar corpo à Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos. Embora inicialmente a prospecção levada a cabo pelo Dr. Armindo de Sousa tivesse identificado 20 monumentos funerários, os trabalhos posteriores realiza-

dos em 1975/76 apenas reconheceram 17, e referenciaram 15 (Jorge, 1982:516).

Os referidos monumentos encontravam-se distribuídos por ambos os lados da actual EM 562, estando agrupados em três núcleos principais que, na década de 70, contavam com a seguinte disposição, a saber: o primeiro núcleo com 6 mamoas à cota dos 480-490 m, o segundo núcleo com 2 mamoas à cota dos 510 m e o terceiro núcleo com 7 mamoas à cota dos 500-540 m, numa extensão total aproximada de 1,5 km. Ainda segundo o Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge, existiam outras 2 mamoas nos extremos da necrópole, uma junto ao cruzamento da EM 562 com a EN 106 e a Norte da referida EM 562, e outra a leste da EM 562, junto dela, nas imediações da localidade de Chã de Baixo. A primeira encontrar-se-ia bastante destruída, contrariamente à segunda que se destacaria nitidamente, revelando um monumento de dimensões consideráveis (Jorge, 1982:516-517).

Neste conjunto megalítico imperam os monumentos de pequena dimensão, tratando-se de uma necrópole de enterramento colectivo, atribuível possivelmente aos finais do Período Neolítico (Mendes-Pinto, 1992), onde parecem coexistir diversos tipos de monumentos funerários – túmulos megalíticos e cistas, megalíticas ou não – geralmente de pequenas dimensões, com um diâmetro médio de 11,4 m e uma altura média de 1 metro, apresentando todos eles indícios claros de violação (Jorge, 1982:517).

Relativamente à mamoa n.º 4 e segundo Vítor

<sup>3</sup> *Documentos Medievais Portugueses*, Documentos régios, Volume I. Documentos dos condes portucalenses e de D. Afonso Henriques (1095-1185). Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1958. Doc. N.º 459, p.393. Cit. por Lopes, 2004:285-286.

Oliveira Jorge (1982:516), a mesma encontrar-se-ia cortada pela estrada, sendo visível no corte duas pequenas lajes imbricadas que pareciam corresponder a dois esteios, cujas dimensões diminutas só poderiam apontar para uma cista. Na mamoa n.º 9, que foi destruída pela acção das máquinas da Celnorte, eram visíveis à superfície três pequenos esteios que pareciam delimitar uma pequena câmara rectangular de tipo cistóide.

Em relação às dimensões dos monumentos que constituem a Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos, à data da sua localização por A. de Sousa, eram, aproximadamente, as seguintes:

Até à data, apenas se realizaram duas intervenções arqueológicas. A primeira foi levada a cabo pelo Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge, conjuntamente com o Dr. Armindo de Sousa, a Dra. Fátima de Sousa, a Prof. Dra. Susana Oliveira Jorge e o Dr. Huet de Bacelar, no ano de 1976, entre 31 de Julho e 5 de Setembro, que incidiram sobre a

mamoa n.º 14, tendo contudo apenas um carácter experimental, funcionando como ensaio às futuras intervenções na Serra da Aboboreira pelos referidos investigadores (Jorge, 1982:515). A intervenção então realizada tornou evidente a presença de uma couraça lítica de revestimento do montículo de terra, através da abundância de pequenas lajes e blocos graníticos à superfície. Foi precisamente a constatação da existência desta couraça lítica, da sua regularidade e do cuidadoso imbricado de lajes que a formava, que constituiu a principal aquisição das sondagens de 1976. Nunca, até então, se tinha procedido a uma tão minuciosa decapagem de um monumento megalítico, neste caso apenas circunscrita ao quadrante Noroeste (Jorge, 1982:517)<sup>4</sup>.

A segunda intervenção empreendida na Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos foi efectuada sob a direcção da Dra. Margarida Moreira, na década de 90, incidindo sobre a mamoa n.º 13 do referido núcleo.

A problemática actual subjacente ao sítio arqueológico em análise prende-se com uma paulatina destruição dos referidos monumentos ao longo dos anos, destruição essa já referida pelo Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge tendo, à época (1970), sido destruídas, ou seriamente danificadas, várias mamoas do núcleo 3 por acção das máquinas da Celnorte, nomeadamente a mamoa n.º 9 (Jorge, 1982:515).

É na tentativa de se inverter este passado conturbado que se prepara agora um projecto sólido e consciente de valorização e divulgação dos vestígios remanescentes.

## 5. Projecto de valorização e estudo da Necrópole

No âmbito dos trabalhos arqueológicos em curso na Serra dos Campelos (Lustosa – Lousada) e atendendo a todo o processo de requalificação do

Mamoas	Diâmetro máximo e altura, em metros
Mamoa n.º 1	6 m por 0,5 m
Mamoa n.º 2	14 m por 1,5 m
Mamoa n.º 3	12 m por 0,8 m
Mamoa n.º 4	8 m por 0,8 m
Mamoa n.º 5	6 m por 0,5 m
Mamoa n.º 6	14 m por 1,5 m
Mamoa n.º 7	10 m por 0,8 m
Mamoa n.º 8	10 m por 1 m
Mamoa n.º 9	8 m por 0,5 m
Mamoa n.º 10	10 m por 1 m
Mamoa n.º 11	18 m por 1 m
Mamoa n.º 12	9 m por 1 m
Mamoa n.º 13	13 m por 1 m
Mamoa n.º 14	26 m por 2 m (eixo menor c. 24 m)
Mamoa n.º 15	19 m por 1,5 m

**Tabela2.** Dimensões dos monumentos que em 1976 constituíam a Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos.

<sup>4</sup> A propósito do espólio recolhido aquando desta intervenção, que se encontrava à data do presente estudo depositado na reserva do núcleo do Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências da Faculdade do Porto, apresenta-se em anexo uma resenha inédita da sua quantificação (Tab.6), assim como dois desenhos relativos aos líticos mais representativos (Figs.17 e 18).

espaço arqueológico proposto pelo Projecto de Criação do *Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos* (2005), que surge da vontade expressa da autarquia em levar a cabo um estudo clarificador e de valorização da actual realidade arqueológica da área considerada, prevê-se a execução das fases que de seguida damos a conhecer.

A primeira etapa dos trabalhos arqueológicos, concluída já em Março de 2006, pautou-se pela realização de uma prospecção intensiva ao local, por forma a definir com rigor o potencial arqueológico da área em questão, esclarecendo a actual dimensão da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos, relocalizando os monumentos funerários remanescentes e apurando o respectivo estado de conservação, de forma a reordenar as denominadas “*Zonas Arqueológicas*” da Serra dos Campelos no PDM da CML, em revisão, e na Carta Arqueológica, actualmente em curso, e caracterizando simultaneamente novos elementos arqueológicos, nomeadamente um conjunto de 17 penedos com manifestações de arte rupestre.

Finda a fase de prospecção arqueológica, concluiu-se que, apesar do indiscutível grau de degradação, a área conserva ainda diversos vestígios patrimoniais notáveis, pelo que se afigurou fulcral o acompanhamento arqueológico de toda a movimentação de terras resultante do Loteamento Industrial de Lustosa (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> fase) e da via de ligação da vila de Lousada à EM 562.

Numa terceira fase do projecto, que se compreende como o corolário de todo o processo e que se prolonga por 2007, desenvolver-se-á todo o trabalho de preparação e divulgação do sítio arqueológico para que este se torne fruível pela população. Tal será alcançado através de uma série de pressupostos, nomeadamente pela vedação e colocação de um painel informativo em cada um dos monumentos identificados, sensibilizando primeiramente os diversos proprietários para o reconhecimento do valor patrimonial destes elementos, intercalando-se essas intervenções com a escavação de alguns monumentos (mamoas do núcleo 3), para que seja possível a sua análise individualizada (caracterização tipológica, dinâmica construtiva, integração no espaço envolvente), e respectiva requalificação.

Todo este processo só se dará por concluído de-

pois da criação de uma rede de percursos pedestres arqueoambientais e após a preparação/edição de um conjunto de brochuras e artigos científicos de divulgação, como base de apoio imprescindível ao futuro *Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos*, que funcionará, em última instância, como pólo aglutinador de memórias dispersas pela Serra dos Campelos, através da criação de exposições interactivas permanentes e/ou temporárias, de um espaço museológico e de espaços destinados à arqueologia experimental.

### **5.1. Estado actual da Necrópole: resultados de uma prospecção arqueológica sistemática**

Aquando da realização dos trabalhos de prospecção arqueológica, verificou-se que a área se encontrava profusamente revolvida, apresentando-se muito alterada, nomeadamente por acção antrópica, evidente quer pelo plantio de eucaliptos, quer pelo facto da área ter sido alvo, ao longo das últimas décadas, de um intenso processo de extração de granito, factores que contribuíram, de forma acentuada, para uma profunda alteração e descaracterização da paisagem.

Relativamente às construções megalíticas que constituem a Necrópole da Serra dos Campelos (Tab.5), foi possível relocalizar nove dos elementos patrimoniais que a constituem, mormente as mamoas n.º 1, 2, 7, 8, 11, 12, 13, 14 e 16 da supra mencionada necrópole (Fig.2). Estas conclusões apresentam-se fundamentadas na interligação de vários factores, de que se destacam a bibliografia coligida respeitante aos estudos da área, um trabalho sistemático de prospecção arqueológica e o desmate das áreas afectas aos monumentos.

Neste ponto convém salientar o bom estado de conservação em que se encontram as mamoas n.º 1, 2, 7, 8 e 16 (Fig. 3).

De referir, no entanto, que a mamoa n.º 2 se apresenta ligeiramente cortada na sua vertente Noroeste por um caminho em terra batida, onde são visíveis inúmeras pedras provenientes da destruição parcial da sua couraça lítica. De mencionar igualmente que a mamoa n.º 16 ostenta uma pronunciada cratera de violação, com cerca de 4 metros de diâmetro

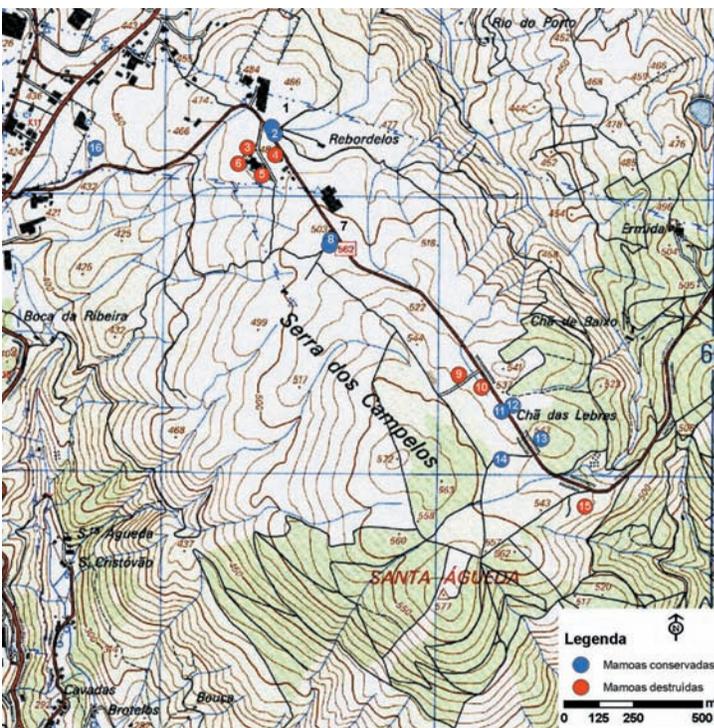


Figura 2. Estado actual da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos (Luis Sousa).

e uma orientação Este-Oeste (Figs.19 e 20). O estado de conservação das mamoas n.º 11 e n.º 13 é mau/regular, sendo evidente a destruição causada pelos trabalhos de terraplanagem realizados nas décadas de 80/90, que deixaram os monumentos muito descaracterizados. De salientar ainda o mau estado de conservação em que as mamoas n.º 12 e n.º 14 se encontram, tendo sido igualmente vítimas dos intensos trabalhos de terraplanagem anteriormente mencionados, descaracterizando-as totalmente, em particular a mamoa n.º 12, onde praticamente não são visíveis quaisquer vestígios (Fig. 4).

Em relação às mamoas n.º 3, 4, 5, 6, 9 e 15, os trabalhos de prospecção, aliados à pesquisa bibliográfica, permitiram-nos constatar e comprovar a destruição das mesmas. No que concerne aos elementos n.º 3, 4, 5 e 6, a área onde estes se localizavam encontra-se actualmente ocupada por unidades industriais, terrenos agrícolas e residências unifamiliares. A mamoa n.º 9 foi destruída nos finais da década de 70, segundo o testemunho de Vítor Oliveira Jorge, por acção das máquinas da Celnorte, encontrando-se



Figura 3. Monumentos Megalíticos em relativo bom estado de conservação (1, 2, 7/8, 16).



Figura 4. Monumentos Megalíticos em mau/ regular estado de conservação (11, 12, 13, 14).

actualmente o terreno ocupado pelo Aterro Inter-municipal. Finalmente, a área onde se localizava a mamoa n.º 15 sofreu trabalhos de terraplenagem nas décadas de 80/90, aquando do plantio dos eucaliptos nesse local, destruindo o monumento e deixando a quase totalidade da área no solo geológico.

Relativamente à mamoa n.º 10, não nos foi possível relocarizá-la, apesar dos trabalhos de pesquisa bibliográfica, da prospecção arqueológica sistemática e da desmatização realizada na área onde esta se situava. Dada a dimensão do referido elemento, e o elevado grau de destruição da área, podemos concluir que a mesma foi destruída na década de 80/90, aquando dos trabalhos de terraplenagem, uma vez que o terreno se encontra aí bastante alterado.

Finalmente, em relação à mamoa n.º 17, de mencionar que o factor determinante que levou à sua não

relocalização foi a profunda e drástica alteração da paisagem fruto do intenso plantio dos eucaliptos na década de 80/90 e da consequente terraplenagem do terreno onde esta se encontrava.

## 5.2. Novos elementos arqueológicos associados à Necrópole

Associado, ou não, à Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos, mas partilhando o mesmo espaço físico, e com uma ampla diacronia que supomos poder estender-se da Pré-História recente à Proto-História e mesmo à Idade Média, foi detectado, aquando da recente prospecção arqueológica<sup>5</sup> por nós realizada, um conjunto de 17 penedos inéditos com manifestações de arte rupestre<sup>6</sup> em suporte de granito e xisto.

<sup>5</sup> Iniciada em Novembro de 2005 e concluída a Março de 2006.

<sup>6</sup> O termo *Arte Rupestre* provém do latim *rupes* que significa rochedo e reporta-se a todo o tipo de insculpturas sobre um suporte pétreo no seu meio natural.

### 5.2.1 Localização dos novos elementos

À semelhança do que se verifica um pouco por toda a Península Ibérica, os petróglifos, cuja análise aqui se propõem, apesar de se encontrarem em penedos de tamanhos e formas variadas, dispersam-se por uma das zonas de maior altitude do concelho (Serra dos Campelos), mas não nas suas cotas mais elevadas (entre os 466 e os 570 m) (Fig.5). A maioria dos penedos em destaque (pedros números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15 e 16) localizam-se em terrenos de pedregosidade elevada e solo pobre que sustenta uma vegetação arbustiva rasteira muito fustigada por frequentes incêndios na época de estio. A emergência de blocos graníticos nesta área motivou uma intensa exploração por parte de pedreiras locais que muito afectou o local e que eventualmente terá condenado a descoberta de mais penedos com este tipo de manifestações rupestres.

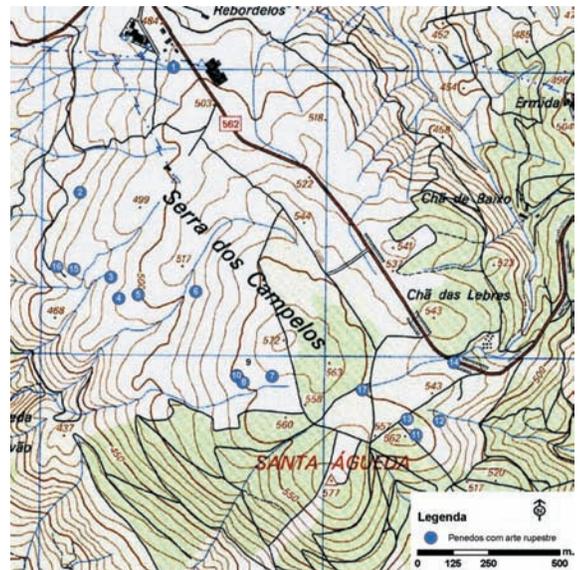


Figura 5. Localização dos penedos com arte rupestre (Luis Sousa).

No que diz respeito aos penedos números 11, 12, 13 e 17 encontram-se numa zona de intenso plantio de eucaliptos, que terá tido o seu início no final da década de 70, e portanto de visibilidade mais reduzida.

De uma forma geral, a dispersão dos penedos com manifestações de arte rupestre parece não obedecer a qualquer organização aparente. Geralmente encontram-se afastados dos caminhos actuais, mesmo dos de terra batida retirados dos núcleos das mamoas conhecidos (com algumas pontuais excepções), embora manifestem uma curiosa proximidade no sentido em que de um penedo se alcança visualmente o penedo ou penedos vizinhos, formando-se uma espécie de rasto intencional de perpetuação de memórias.

Já em 1971, Fernando Lanhas se referia aos inúmeros penedos existentes na Serra dos Campelos, aludindo à possibilidade de estarem relacionados com a tradição cultural megalítica. De entre esses monólitos destacamos o *altar dos mouros*<sup>7</sup>, *penedo do escor-*

Designação	Latitude	Longitude	Altitude (metros)
Penedo n.º 1	41º 19' 20,"9	08º 18' 10,"8	492 m
Penedo n.º 2	41º 19' 06,"5	08º 18' 24,"9	466 m
Penedo n.º 3	41º 18' 57,"1	08º 18' 20,"2	475 m
Penedo n.º 4	41º 18' 54,"7	08º 18' 19,"0	492 m
Penedo n.º 5	41º 18' 55,"1	08º 18' 16,"1	499 m
Penedo n.º 6	41º 18' 55,"5	08º 18' 07,"4	519 m
Penedo n.º 7	41º 18' 45,"9	08º 17' 55,"8	568 m
Penedo n.º 8	41º 18' 45,"2	08º 18' 00,"2	557 m
Penedo n.º 9	41º 18' 45,"9	08º 18' 01,"1	553 m
Penedo n.º 10	41º 18' 46,"0	08º 18' 01,"2	555 m
Penedo n.º 11	41º 18' 39,"3	08º 17' 34,"0	570 m
Penedo n.º 12	41º 18' 40,"9	08º 17' 30,"5	549 m
Penedo n.º 13	41º 18' 41,"1	08º 17' 35,"4	563 m
Penedo n.º 14	Já não se encontrava <i>in situ</i>		
Penedo n.º 15	41º 18' 58,"0	08º 18' 25,"8	484 m
Penedo n.º 16	41º 18' 58,"3	08º 18' 28,"4	470 m
Penedo n.º 17	Já não se encontrava <i>in situ</i>		

Tabela 3. Localização geográfica dos penedos com manifestações de arte rupestre.

<sup>7</sup> A propósito da designação *altar dos mouros*, Santos Júnior (1940:365-366) refere a existência de um penedo em Brangaça a que o povo deu esse nome por supostamente ser nesse fragueiro o altar onde os mouros, que viviam numas cavernas muito entupidas pelos pastores e ociosos (a profundidades de 20 m), vinham celebrar missa.

*regão*<sup>8</sup> e *penedo santo*. A tradição oral dos seus habitantes ainda hoje consegue reconhecer alguns desses penedos e apontar o nome de outros dois: *penedo do sol* e *penedo rachado*, sendo que, aparentemente, nenhum deles parece coincidir com os penedos gravados que conhecemos.

Não obstante essa dissonância, é curioso o facto dos trabalhos de exploração de granito, levados a cabo um pouco por toda a serra, terem poupado o penedo n.º 2, quando todos os penedos da mesma envergadura, situados naquela área, foram entretanto destruídos. Terão todas estas micro referências toponímicas e respectivas crenças, associadas a lendas que apontam os mouros como seus “arquitectos” (muitas vezes considerados nestas lendas com poderes mágicos e características diferentes das dos humanos) afastado qualquer intenção de aproveitamento da fraga? Em Penafiel, por exemplo, o penedo das Pegadinhas de S. Gonçalo, que mais à frente referimos, suscitou duas lendas que o terá sacralizado: uma que responsa-

biliza S. Gonçalo pela impressão da forma dos seus pés na rocha, e da sua bengala que terá feito as covinhas junto às pegadas; e outra que imortaliza o encontro de dois S. Gonçalos (o de Amarante e o de Jogueiros) numa das visitas que frequentemente fariam um ao outro (aproveitando o facto das pegadas estarem viradas umas para as outras) (Júnior, 1940:213-214).

### 5.2.2. Motivos rupestres detectados

Embora a profusão de motivos, a que este tipo de representações rupestres nos tem habituado, seja variada – figurativos, abstractos ou esquemáticos – a Serra dos Campelos exhibe apenas três tipos de motivos, dispostos tanto isoladamente como em conjugação. Referimo-nos às sobejamente conhecidas “*covinhas*” ou *fossetes*, aos podomorfos e aos cruciformes.

As “*covinhas*”, que se definem como concavida-

Designação	Descrição		
	N.º Covinhas	Profundidade (cm)	Diâmetro (cm)
Penedo n.º 1	2	5 cm / 3 cm	16 cm / 14 cm
Penedo n.º 2	24	mínima: 0,3cm / máxima: 4 cm	mínimo: 3 cm / máximo: 9/11 cm
Penedo n.º 3	2	2,5 cm / 1 cm	11 cm / 4 cm
Penedo n.º 4	4	3 cm / 3 cm / 2 cm / 1,5 cm	22 cm / 14 cm / 10 cm / 11 cm
Penedo n.º 5	3	14 cm / 11 cm / 10 cm	(53×40) cm / 23 cm / 20 cm
Penedo n.º 6	1	3,5 cm	17 cm
Penedo n.º 7	3	3 cm / 2,5 cm / 4 cm	19 cm / 15 cm / 12 cm
Penedo n.º 8	7	mínima: 3 cm / máxima: 11 cm	mínimo: 20 cm / máximo: (90×55) cm
Penedo n.º 9	1	3 cm	16 cm
Penedo n.º 10	1	12 cm	(18×28) cm
Penedo n.º 11	1	3,5 cm	7 cm
Penedo n.º 12	22	mínima: 1 cm / máxima: 4 cm	mínimo: 3,5 cm / máximo: 8 cm
Penedo n.º 14	12	mínima: 1 cm / máxima: 4,5 cm	mínimo: 2 cm / máximo: 8 cm
Penedo n.º 15	1	10 cm	16 cm
Penedo n.º 16	1	9 cm	44x30 cm

**Tabela 4.** Dimensões das covinhas detectadas nos penedos com manifestações de arte rupestre.

<sup>8</sup> O nome *penedo do escorregão* ou *pedra escorregadeira* deriva do jogo infantil em que se escorrega sobre um penedo montado numa pedra plana ou numa ramagem de arbusto, deixando nele marcas dessa fricção. Segundo José Varela (1990:14) esta prática faz parte do acervo dos jogos populares infantis galegos e deixou numerosos topónimos na região da Galiza.

des hemisféricas, de pequenas dimensões, escavadas na rocha, assumem-se como o motivo mais recorrente, tanto na generalidade das representações conhecidas<sup>9</sup>, como na dos penedos que se dispersam ao longo da Serra dos Campelos. Também aqui elas aparecem em conjuntos (quase a totalidade) ou isoladas, penedos n.º 9 e n.º 11, e é comum serem representadas nos topos dos penedos, associando-se a outros temas, neste caso a um podomorfo, penedo n.º 2 e n.º 14, e a cruciformes, penedos n.º 12, 13 e 17 (Figs.21 a 25). Pode registar-se, ou não, homogeneidade nos seus diâmetros e profundidades, e de certa forma, no que diz respeito à sua morfologia, chegam a encontrar-se algumas covinhas de perfil ovalado ou irregular.

Saliente-se, no entanto, o caso particular do penedo n.º 14, em xisto, que apresenta duas covinhas unidas por um pequeno canal com 3 cm de comprimento, 3,5 cm de largura e uma profundidade máxima de 1,5 cm. A representação em *alter*, de fundo bem polido e significativa profundidade, tem alimentado a formulação de variadas hipóteses, como é o caso de Santos Júnior (1942:6-7) que adianta uma interpretação vocacionada para uma índole lúdica quando encara a possibilidade de tais canais poderem ter servido à passagem de determinado objecto, pedra ou calhau rolado, que, à maneira de bola de jogo, tivesse de ser passado dum sulco para o sulco vizinho, chegando mesmo a acalentar a ideia de que a pedra de Lomar (Penafiel) tivesse sido uma espécie de grande tabuleiro granítico para a realização de determinado jogo (Fig. 6).

Em certos casos torna-se muito difícil distinguir o carácter artificial ou natural destes orifícios, uma vez que a exposição dos painéis pétreos aos ele-

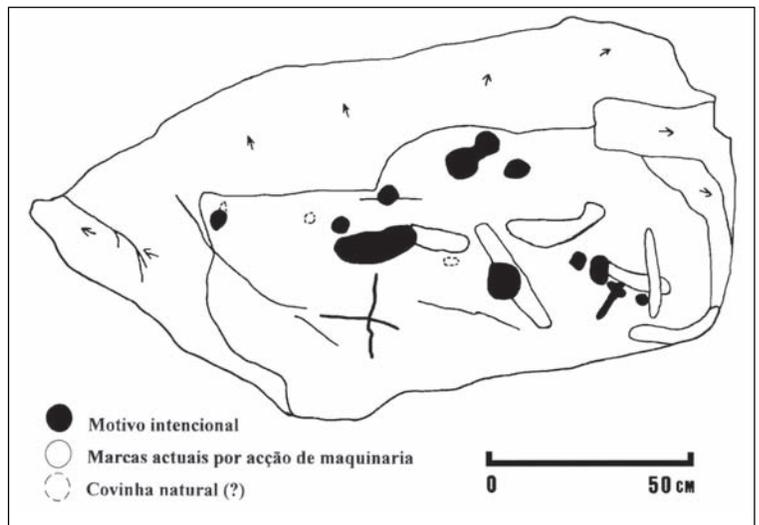


Figura 6. Penedo 14 – representação da face com mais insculpturas.

mentos naturais promove o aparecimento destes orifícios (sobretudo os de maiores dimensões), daí que se compreenda a dúvida relativamente ao cariz antrópico ou natural de 6 dos 17 penedos apresentados (n.º 5, 6, 8, 10, 15 e 16).

Quando se perspectivam a nível peninsular os restantes temas rupestres, num pequeno número de penedos aparecem gravuras esquemáticas comparáveis ao pé humano – os chamados podomorfos – tema este que se encontra nitidamente representado em pelo menos um penedo de Campelos (penedo n.º 2). Este tema torna-se mais frequente na zona ocidental de Pontevedra e costa litoral, mas não é estranho na região, uma vez que em Penafiel e Marco de Canavezes existem referências de representações semelhantes.

No Marco de Canavezes (Penha-Longa), as conhecidas insculpturas do Monte Eiró, à base de serpentiformes,<sup>10</sup> espirais e reticulados compunham um significativo conjunto onde se encontrava um penedo, hoje desaparecido devido à extracção de pedra no local, que ostentava uma marca de uma pegada e covinhas de vários tamanhos (Brandão, 1961:57).

<sup>9</sup> As gravuras em forma de covinhas encontram-se principalmente no ocidente da Europa, mas são igualmente conhecidas na Córsega, Rússia, Ásia Menor, Índia e América do Norte (Lanhas, 1969:378).

<sup>10</sup> Uma das pedras mais significativas desse conjunto encontra-se hoje no Museu Nacional Soares dos Reis no Porto, fazendo parte do património municipal da Câmara Municipal do Porto.

Já em Penafiel (Luzim), num penedo de granito rente ao chão, a sensivelmente 35 m do menir de Luzim e a 16 m de uma mamoa, podemos encontrar quatro “pegadas” pequenas e três covinhas, conhecidas hoje como “Pegadinhas de S. Gonçalo” que, pela perfeição das gravações, não deixam dúvidas para a correspondência, respectivamente, com o pé esquerdo e o direito e, em dois dos casos, consegue-se ainda perceber o contorno dos dedos (Júnior, 1940:213-214). Ainda no concelho de Penafiel, e na mesma freguesia, encontramos pelo menos mais um exemplo claro de outro podomorfo, no lugar de Lomar, inscrito num rochedo granítico com outro tipo de representações na mesma composição. Neste caso, o podomorfo apresenta-se no centro do painel e profundamente escavado (6 cm), logo por cima de uma covinha que foi realizada sobre uma pequena fenda no rochedo (Júnior, 1942:4-5).

Relativamente ao último motivo inventariado para o local em estudo - os cruciformes - na generalidade são vistos como elementos Medievais ou Modernos, marcando o termo de propriedades, os caminhos (como se verifica no caso do penedo n.º 13), ou aludindo a cristianizações de espaços. Martinho Baptista (1983:76-77), no entanto, encara esta temática como algo de bastante mais complexo ao analisar estações arqueológicas como Gião (Arcos de Valdevez), Tripe e Outeiro do Salto (Mairos, Chaves) que provam a evolução destas representações a partir de tipos antropomórficos da Idade do Ferro. Saliente-se também a curiosa coincidência (?) da totalidade dos cruciformes, que perfazem os seis, ter preferido o xisto como suporte definitivo para a sua morada e não o granito que abunda na área em estudo (Fig.7).

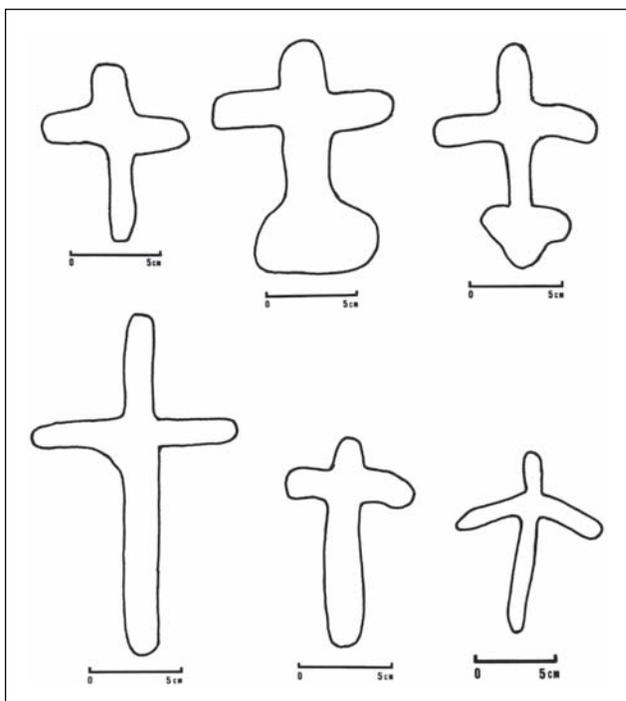


Figura 7. Pormenor dos cruciformes dos penedos 12, 13, 14 e 17.

### 5.2.3. Estudo de dois casos particulares

Como exemplo de representações mais significativas de arte rupestre na Serra dos Campelos, quer pela abundância de elementos insculturados, quer pelo relativo bom estado de conservação, vamos deter-nos na descrição e análise particular dos penedos n.º 2 e n.º 12.

O penedo n.º 2 situa-se a uma latitude de 41° 19' 06,"7, a uma longitude de 08° 18' 24,"9<sup>11</sup> e a uma altitude de 468 m, sendo portanto de se considerar a sua inclusão no mesmo espaço mágico-sagrado da Necrópole Megalítica de Campelos, balizando-se a menos de 350 m do limite SO do núcleo 1, com exposição a Norte/Oeste e ampla visibilidade sobre este quadrante<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> O registo das coordenadas foi efectuado com recurso a aparelho de *Global Position System* (GPS) com base no Datum WGS 84.

<sup>12</sup> Este penedo pode ser encontrado seguindo-se pela EN 106, no sentido Guimarães-Penafiel, cortando-se depois à esquerda de forma a inflectir para a EM 562 durante cerca de 1,750 km até se atingir uma estrada asfaltada que conduz à área habitacional/industrial de Rebordelos, onde se segue na direcção Sul por um caminho em terra batida durante sensivelmente 260 m, continuando posteriormente no sentido Oeste pelo mesmo caminho durante mais 300 m até se atingir o monumento que se situa à direita, distando 5 m do dito caminho.



Figura 8. Perspectiva geral do penedo 2.

Trata-se de um penedo em granito, com uma altura máxima de 1,25 m no seu lado poente, apresentando diversos petróglifos de motivos geométricos (vinte e quatro covinhas e um podomorfo) (Fig.8).

No topo inferior do penedo, está representada uma inscultura de difícil identificação, com um diâmetro de 7/8 cm e uma profundidade máxima de 2 cm. É visível também uma covinha, contígua a esta representação, a uma distância de 5,5 cm que apresenta um diâmetro de 7 cm por 2 cm de profundidade (Fig.9).

No topo superior do penedo, além de duas insculturas de difícil identificação, são igualmente visíveis oito covinhas, sem qualquer organização aparente, de diâmetros e profundidades variadas, formando um conjunto com 0,65 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, por 0,30 cm de largura no sentido Norte-Sul. As suas dimensões variam entre os 3,5 - 11 cm de diâmetro e os 0,5 - 4 cm de profundidade (Fig. 10).

Na face aplanada, voltada a poente, com 1,37 m de comprimento no sentido Norte-Sul por 1,18 m no sentido Este-Oeste, contabilizaram-se quinze covinhas, encontrando-se esta plataforma a menos de 0,20 m do solo. Apresentam um diâmetro máximo de 7 cm, um diâmetro mínimo de 3 cm, uma profundidade máxima de 1,7 cm e uma profundidade mínima de 0,03 cm.

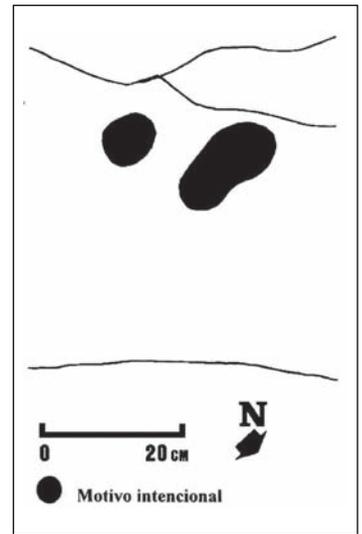


Figura 9. Pormenor do topo inferior do penedo 2.

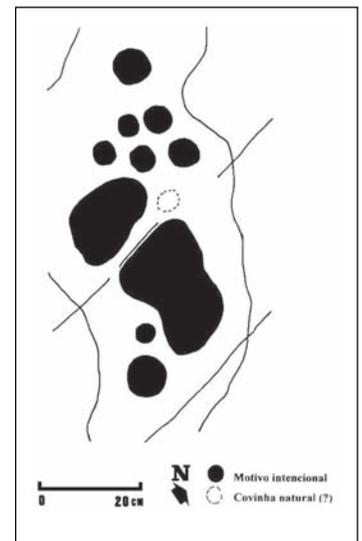


Figura 10. Pormenor do topo superior do penedo 2.

De referir ainda que as covinhas desta plataforma inferior se combinam com outro motivo rupestre: um podomorfo orientado segundo um eixo NE-SO, com um comprimento máximo de 23 cm, uma largura mínima de 6 cm e uma largura máxima de 12 cm e que representa, neste caso, um pé esquerdo. Num dos podomorfos das Pegadinhas de S. Gonçalo, em Penafiel (Luzim), o arranque do calcanhar apresenta um esboço de uma covinha, tal como parece acontecer com o do penedo n.º 2, ilustrado na (Fig.11).

Apesar da aparente distribuição anárquica destas representações é curioso notar que uma das covinhas e o próprio podomorfo foram insculturados numa fenda natural do penedo, o que levanta um conjunto de questões que Santos Júnior já em 1942 colocava em relação à pedra de Lomar em Penafiel

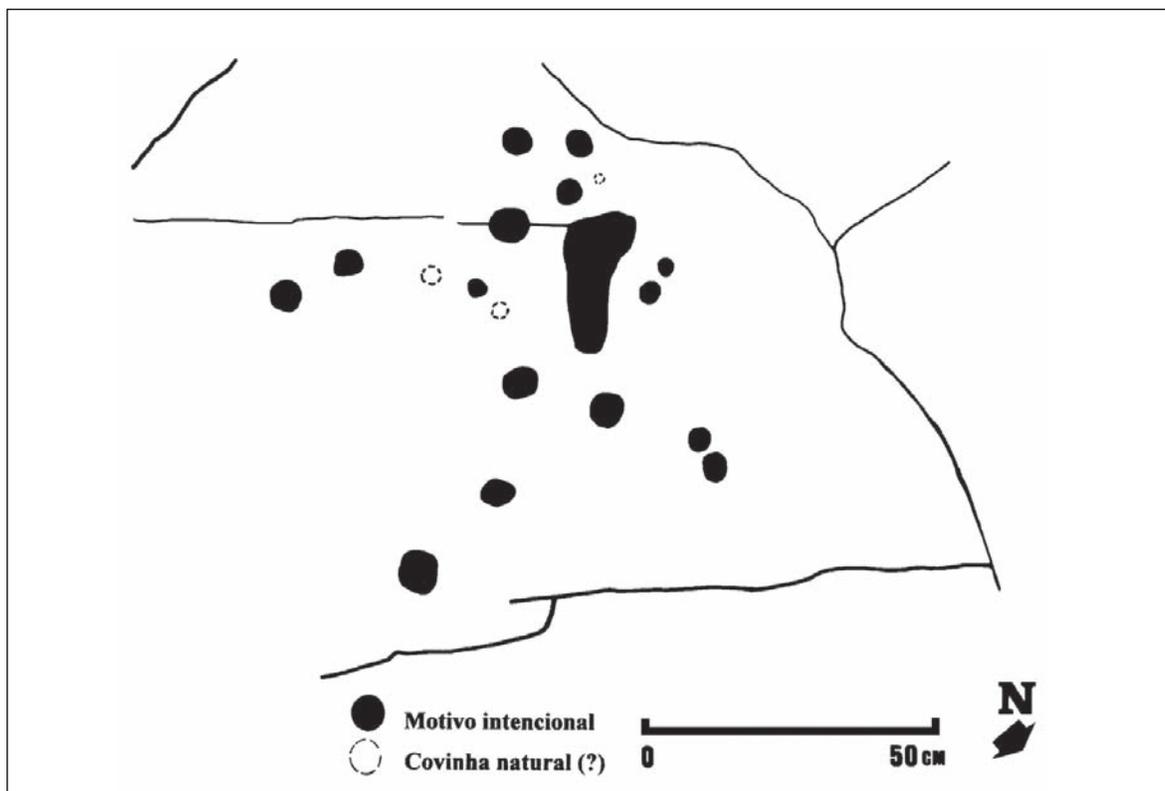


Figura 11. Pormenor da plataforma inferior do penedo 2.

(Júnior, 1942:8), reflectindo a relação entre os dois fenómenos e a intencionalidade dessa escolha. Serão estes sinais anteriores à respectiva fenda da rocha, ou, teria afinal sido forçosa aquela posição dos mesmos motivos no conjunto das representações coincidindo com essa falha geológica pré-existente?

Prevê-se para este penedo, assim como para o n.º 12 e para a generalidade das mamoas que ainda subsistem na necrópole, a colocação de uma vedação com um painel informativo que proteja e alerte a comunidade da importância patrimonial associada a tais manifestações, sendo que, neste caso,

acresce o facto de ao longo dos tempos, bem como actualmente, se verificar uma intensa extracção de granitos, o que certamente constituirá um sinal de perigo para este monumento.

No que respeita ao penedo n.º 12, que se encontra a uma latitude de 41° 18' 40,"9, a uma longitude de 08° 17' 30,"5, e a uma altitude de 549 m, situa-se a pouco mais de 1150 m do limite SO do núcleo 1 da Necrópole Megalítica de Campelos, a sensivelmente 1100 m do núcleo 2, a cerca de 300 m do limite Sul do núcleo 3, e a 550 m



Figura 12. Perspectiva geral do penedo 12.

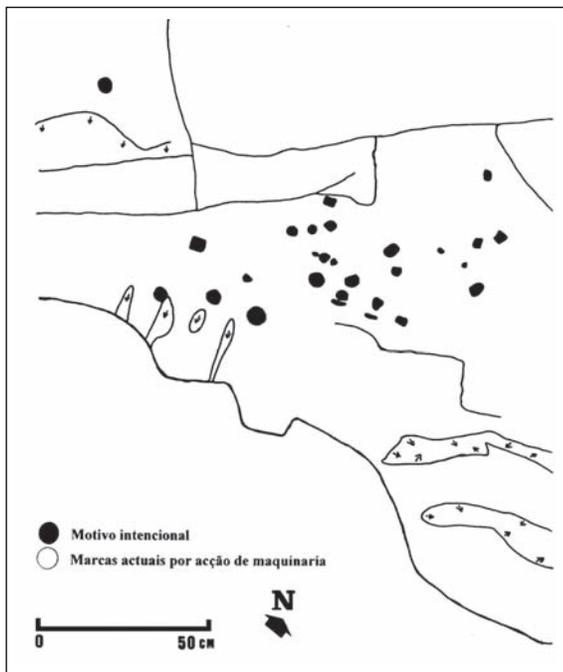


Figura 13. Plataforma sul do penedo 12.

do Monte/Castro de Santa Águeda, fazendo certamente parte do mesmo espaço mágico-sagrado da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos<sup>13</sup> (Fig.12).

Trata-se de um penedo em xisto, com uma altura máxima de 2,40 m, que, na sua plataforma plana horizontal virada a Sul, apresenta petróglifos de motivos geométricos, representados por vinte e duas covinhas (fossetes) escavadas na rocha de forma semi-esférica e rectangular. Relativamente às concavidades esféricas, podemos constatar que o seu diâmetro oscila entre um mínimo de 3,5 cm e um máximo de 9 cm e a sua profundidade varia entre 1 cm e os 3,5 cm. Relativamente aos orifícios quadrangulares, de que se contam apenas quatro, apresen-

tam 7 cm de comprimento por 6 cm de largura e uma profundidade média de 2 cm. Curiosamente, estas últimas marcas na base Sul do penedo encontram-se nos limites do conjunto que forma este núcleo de covinhas, de forma a sugerir – a título de hipótese meramente especulativa – uma eventual base para um sistema de estacaria que se desenvolveria contra a face vertical do penedo, formando uma espécie de alpendre que protegeria este espaço ritual (Fig.13).

Igualmente visíveis na parede vertical, voltadas para a plataforma situada a Sul do penedo onde se encontram as covinhas, estão três cruciformes (Fig.14).

O maior está inscrito na zona central do painel, notando-se um claro trabalho de rabaixamento do suporte pétreo onde está talhado para que permanecesse numa espécie de nicho interior, recolhido. Esta cruz apresenta-se a 56 cm da plataforma inferior (onde se encontram as covinhas), exibindo um comprimento máximo de 13 cm por 10 cm de largura e inclui uma base simples e típica dos cruciformes medievais.

A segunda cruz, a cerca de 80 cm da anterior, com 11 cm de comprimento por 8 cm de largura, mereceu igualmente um trabalho preliminar de regularização dessa face do penedo, mas apresenta-se mais singela nos seus contornos.

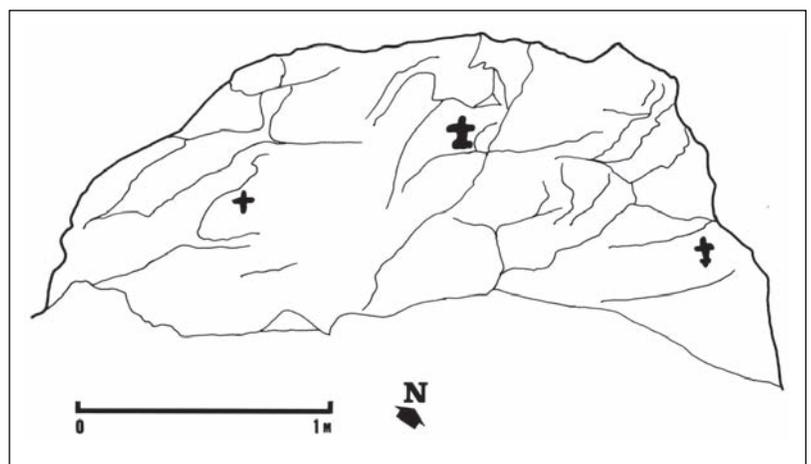


Figura 14. Penedo 12 – painel vertical orientado a sul.

<sup>13</sup> O penedo 12 pode ser visto continuando no mesmo sentido pela EM 562 até se alcançar a Chã das Lebres (cerca de 3,550 km desde o cruzamento de Vizela) por onde se segue, num caminho à direita em terra batida, no sentido SO durante 100 m até se atingir um corte à esquerda onde, após 35 m se atinge o monumento que se encontra a sensivelmente 15 m, à direita do caminho.

A terceira cruz, descaída sobre o extremo oposto do mesmo painel, completa desta forma uma espécie de triangulação entre as cruces identificadas e apresenta idênticas medidas (12 cm de altura e 8,5 cm de largura), revelando, à semelhança da cruz central, uma base rematada por três círculos interseccionados.

A coexistência destes dois motivos distintos (covichas e cruciformes) num mesmo penedo pode, neste caso, indiciar a existência de dois momentos de gravação distintos, o que se traduzirá no reaproveitamento de um espaço já gravado que é transfigurado, complementado e/ou destruído através da colocação repetida de um motivo completamente diferente do anterior, neste caso, os três cruciformes.

À semelhança do penedo anteriormente apresentado (2), as ameaças à sua integridade são reais, mas neste caso em particular o perigo da sua deterioração advém do intenso plantio de eucaliptos a que essa área está sujeita e, mais concretamente, à maquinaria empregue nos trabalhos periódicos de desmatção e revolvimento dos solos, cujo objectivo é a manutenção do eucaliptal e uma melhor produção do mesmo.

Ainda no que se refere aos elementos em análise, não queríamos deixar de fazer notar que os penedos mais ricos em manifestações rupestres na Serra dos Campelos apresentam uma morfologia semelhante, em forma de “altar”, sendo a plataforma mais apreciada para as representações a horizontal inferior, localizada a poucos centímetros do solo.

A erosão da generalidade das gravuras é notável, pelo que se torna difícil precisar a técnica empregada na sua laboração. Os seus sulcos de secção transversal em “U”, com os bordos extremamente desgastados e suaves ao tacto, não resultam certamente de uma técnica de execução mais abrasiva do que a percussão indirecta, mas sobretudo da erosão dos milénios. Apesar da consciência de que nos movemos no campo das incertezas, consideramos que a técnica utilizada na execução das gravuras foi a picotagem, por percussão indirecta, utilizando um instrumento lítico ou de metal. Quando no mesmo penedo se encontram representados motivos de covinhas e cruciformes, de que é exemplo o penedo n.º 12, a viveza dos sulcos abertos pelos cruci-

formes contrasta com a das covinhas, que estão muito mais erosionadas, sinal de uma maior antiguidade, sendo relativamente frequente que marcas históricas e gravuras Pré-Históricas partilhem a mesma rocha. Assim, a diferença da *patine* dos sulcos e a distinta técnica empregue na gravação dos temas no penedo, permite estabelecer diferenças cronológicas pelos distintos momentos em que foram insculturadas.

#### 5.2.4. Cronologia

De acordo com grande parte dos investigadores dos nossos dias, os petróglifos pertencem, de uma maneira geral, a momentos anteriores ao apogeu da cultura castreja, e alguns temas, como as covinhas e os reticulados singelos, chegam mesmo a ter ressonâncias anteriores ao Bronze Final.

No caso dos cruciformes detectados na Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos estamos convencidos tratar-se de representações algo evoluídas que remetem para época Medieval ou mesmo Moderna, com a excepção do cruciforme ostentado pelo penedo n.º 17 (Fig.7) que levanta algumas dúvidas pelo arqueamento dos seus braços. Tratar-se-á de uma representação mais arcaica da figura humana da Idade do Ferro ou de uma cruz Medieval, simplesmente atípica, na margem de um caminho que à direita desemboca na mamoa n.º 14 e à esquerda se abre no caminho principal para Santa Águeda? São questões de difícil resolução, principalmente por se tratar de um penedo provavelmente destituído do seu contexto original, uma vez que não é fixo e o encontramos já invertido relativamente ao motivo que ostenta.

No que respeita aos podomorfos, André Tomás Santos (2003:145) considera que se situam “*cronologicamente em tempos proto-históricos e estariam relacionados com investidas reais de raiz céltica, [em que] o acto de reprodução do pé estaria reservado a uma parte da população*”. Ainda segundo o mesmo autor, “*no Bronze Final, as grafias pré-históricas invadem os espaços do quotidiano – encontram-se junto a caminhos ou nas margens de rios, sítios que seriam altamente frequentados (...)* não encontramos qualquer

*especificidade para além da frequência de grupos humanos nesses sítios. (...) Estamos frente a comunidades verdadeiramente sedentarizadas e plenamente produtivas, em que o poder se manifesta também em relação com os territórios que estas comunidades, através do seu uso, reclamam como seus.”* (Santos, 2003:149-150). Este facto poderá ser validado pela presença, nas imediações (distância mínima 800 m e máxima 1500 m) deste conjunto de manifestações rupestres, de um assentamento (Castro do Bufo), nas proximidades do qual (Cova do Bufo/Raimonda) foram detectados vestígios neolíticos, nomeadamente um machado de pedra polida e uma ponta de lança em sílex (Dinis, 1963:93).

Relativamente às covinhas, que aludem ao motivo mais representado ao longo dos milénios, são de cronologia tão ampla que se estendem das gravações Pré-Históricas mais recuadas até a épocas históricas relativamente recentes, com carácter delimitador de propriedades de ordens religiosas e mesmo lúdico (espécie de tabuleiro de jogos, como já foi referido) (Goberna; Alvarez, 1993:23).

Uma proposta cronológica mais afinada e segura para os principais penedos com manifestações de arte rupestre da Serra dos Campelos, seria eventualmente viável num contexto de escavações arqueológicas realizadas nas suas imediações que determinasse o meio natural e cultural em que foram feitas tais representações.

### 5.2.5. Ensaio interpretativo

É preciso partir do princípio geral de que as representações rupestres são normalmente o resultado de uma actividade simbólica fortemente padronizada e sujeita a regras que escapam ao domínio do consciente. Como Leroi-Gourhan sugere (1964:272) *“a imagem possui então uma liberdade*

*dimensional que faltará sempre à escrita; ela pode provocar o processo verbal que leva à recitação de um mito, mas não está presa a ele e o seu contexto desaparece juntamente com o recitador”*.

Se as covinhas<sup>14</sup> e os podomorfos conhecem uma proliferação de sentidos que torna impossível, no estado actual da investigação em arqueologia, reconhecer-lhe ou atribuir-lhe um sentido ou sentidos (uma vez que aparecem em circunstâncias tão variadas que dificilmente suportariam um único significado), apesar do painel de fundo ser sempre o mágico-religioso, já no que respeita ao terceiro motivo presente nos penedos em análise (os cruciformes), pelas ressonâncias históricas da sua utilização, atreveríamos-nos a avançar com algumas sugestões.

Santos Júnior (1940:368 - 369) relembra ser antiquíssimo o costume de marcar os limites das grandes propriedades e os termos de povoações confinantes gravando-se cruces e outros sinais nos penedos e até em árvores, referindo ainda que, este hábito, que chegou até aos nossos dias,<sup>15</sup> se encontra documentado por toda a Idade Média que, por sua vez, o terá recebido dos romanos que, provavelmente, o terão herdado de tempos primitivos. Estes penedos marcados com cruces encontram-se, por vezes, em linhas divisórias de freguesias, em penedos aos quais se atribuíam malefícios, não sendo difícil imaginar que as rochas insculturadas durante a Pré-História fossem assim consideradas, atraindo as atenções e a necessidade de realização de ritos cristãos de purificação dos espaços considerados pagãos. Refira-se a este propósito as actas dos primeiros concílios cristãos, aconselhando formas de combater os *“enraizados cultos naturistas”*. Martinho Baptista (1983:77) apela à prudência na interpretação desta manifestação rupestre que pode enquadrar-se entre o Bronze Final e a Alta Idade Média, consoante se trate de estilizações antropomórficas ou cruces cristãs.

<sup>14</sup> As covinhas sempre foram objecto das mais diversas especulações que lhes conferiram diversos significados – recipientes para oferendas, concavidades para receber a chuva, elementos de calendários solares e lunares, mapas estelares, tabuleiros de jogos, forma de escrita – por não terem uma base concreta em que se apoie uma qualquer teoria.

<sup>15</sup> De tal forma é banalizado este costume que actualmente, em Trás-os-Montes, a população conhece estes penedos de divisão geográfica por *marras*.

A distância cultural deste tipo de manifestações e o facto do contexto arqueológico à sua envolvente nem sempre ser clarificador, obriga a um inultrapassável enredo de hipóteses que até podem estar próximas do passado, mas dificilmente encontrarão confirmação empírica.

Terá sido este conjunto de penedos um dispositivo para a criação de identidades? Ou antes, como sugere Santos, (2003:145), passariam por manifestações de poder que se espalhariam pela paisagem? Mas, se assim fosse, porque é que a escolha das representações não recai sempre nos penedos mais imponentes? Relacionar-se-iam directamente com a Necrópole ou o seu propósito diria apenas respeito ao mundo dos vivos?

Estamos perante um conjunto de dúvidas que, sem pretensão de chegarem a uma resposta inequívoca, pretendem, antes, indagar conjuntos de possibilidades e estudar variantes múltiplas de manifestações humanas com quadros mentais de vivências muito afastadas de nós e que, por isso, têm de ser encaradas com redobrada prudência.

## 6. Considerações finais

Como resultado do Projecto de Prospecção Arqueológica da Serra dos Campelos, desenvolvido pela Câmara Municipal de Lousada, foi-nos possível avaliar o efectivo e real estado dos elementos que constituem a Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos, possibilitando uma definição rigorosa do potencial arqueológico da área em questão.

No que concerne aos elementos que integram a Necrópole Megalítica, relocalizamos 53% dos elementos que a compõem, nomeadamente as mamoadas n.º 1, 2, 7, 8, 11, 12, 13, 14 e 16. Cinco encontram-se num bom/regular estado de conservação, mormente as mamoadas 1, 2 e 16 do núcleo 1 e as mamoadas 7 e 8 do núcleo 2. No que diz respeito aos restantes elementos, todos incluídos no designado núcleo 3, encontram-se actualmente em mau estado de conservação, profundamente descaracterizados e num eminente estado de abandono e negligência, fruto dos intensos trabalhos de terraplenagem para o plantio de eucaliptos realizados nas décadas de 80/90, que os transformaram por completo, em particular

as mamoadas n.º 12 e 14, em que praticamente não são visíveis indícios das mesmas.

No que concerne aos restantes 47% dos elementos que constituem a Necrópole Megalítica, a pesquisa bibliográfica, aliada a um apurado e exaustivo trabalho de prospecção, permitiram-nos constatar a destruição das mamoadas 3, 4, 5 e 6, pertencentes ao núcleo 1, bem como das mamoadas 9, 10, 15 e 17 do núcleo 3.

No decorrer dos trabalhos de prospecção foram ainda identificados, dispersos pela Serra de Campelos, elementos arqueológicos inéditos, num total de 17 penedos, com manifestação de arte rupestre. De entre a globalidade dos penedos destacamos o n.º 2 e o n.º 12 pela abundância de gravações, relativo bom estado de conservação e por ostentarem, no seu conjunto, a totalidade das temáticas encontradas: covinhas, cruciformes e um podomorfo. Possivelmente balizadas no Bronze Final, as representações mais antigas contrastam com as cruzes de tradição medieval que partilham os mesmos espaços de influência. Terão algumas destas representações sido coevas da Necrópole Megalítica? Participarão da mesma intencionalidade espiritual das mamoadas? Só um estudo mais aturado da generalidade dos vestígios, que aposte eventualmente em escavações arqueológicas, poderá conduzir esta descoberta a um enredo de novas hipóteses e conseqüente ensaio interpretativo mais concreto.

O Projecto de Criação do *Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos*, no qual se inclui a supramencionada prospecção arqueológica, compreende outras etapas de valorização dos elementos arqueológicos e patrimoniais, entre as quais destacamos, a curto prazo, a realização de escavações arqueológicas de salvamento/estudo do núcleo 3 da necrópole, acções de sensibilização junto à população local e vedação dos monumentos agora inventariados.

O propósito deste projecto compreende a efectivação de todas as medidas de salvaguarda e de valorização do património da necrópole, o acompanhamento das obras dos empreendimentos previstos para o local, e as intervenções arqueológicas a serem desenvolvidas antes, durante e após a construção dos empreendimentos que a autarquia pretende edificar no local, culminando com a abertura do *Centro Arqueoambiental da Serra dos Campelos*.

## Bibliografia

### Fontes impressas

ALMEIDA, C.A.B. (1991) - *O Concelho de Vila do Conde – Análise Histórico-Arqueológica*. Plano Director Municipal de Vila do Conde. Arqueologia. Relatório 11. Vila do Conde: Câmara Municipal. (Policopiado).

BAPTISTA, A. M. (1983) - Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. In *Portvgalia*. Nova Série, Volume IV/V. Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Separata. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.71-82.

BRANDÃO, D. P. (1961) - Insculturas do Monte de Eiró. In *Lucerna*. Vol.I, nº2. Porto: Edições Marânus, p. 45-58.

DINIS, M.V. (1963) - Manifestações Neolíticas na região de Paços de Ferreira. In *Lucerna*. 3. Porto, p.88-95.

DINIZ, M. (2000) - Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. In *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional Sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 105-116.

GOBERNA, F.J.C.; ALVAREZ, P.N. (1993) - *Los Grabados rupestres de Galicia*. Monografias Museu Arqueológico e Histórico de a Coruña. Vol.6. Coruña: Museu Arqueológico e Histórico de a Coruña.

GONÇALVES, V. S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Facsimile – Offset e Publicidade, Lda.

JORGE, V. O. (1978) - O Megalitismo do Norte de Portugal. *I Ciclo de Conferências de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento*. In Separata do Volume LXXXVIII da *Revista de Guimarães*. Guimarães, p.431-458.

JORGE, V. O. (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto – Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Policopiado.

JORGE, V. O. (1985) - Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): Conhecimentos Actuais e Linhas de Pesquisa a Desenvolver. In Separata da *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*. II Série. Volume IV. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 269-286.

JORGE, V.O. (1989) - Arqueologia Social dos Sepulcros Megalíticos Atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras - Série de História*. II Série. VI. Porto: FLUP, p.365-443.

JORGE, V. O. (2002) - Arqueologia dos monumentos da Pré-História recente – algumas sugestões interpretativas. In *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*. I Série. Volume I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p.13-26.

JÚNIOR, J.R.S. (1940) - *Congresso do Mundo Português*. Vol I. Lisboa: Oficinas Bertrand.

JÚNIOR, J.R.S. (1942) - *Gravuras Rupestres de Lomar*. Porto: Imprensa Moderna Limitada.

LANHAS, F. (1969) - As gravuras rupestres de Montedor. In *Revista de Etnografia*. Vol. XIII. Tomo 2. Porto: Junta Distrital do Porto, p.367-386.

LANHAS, F. (1971) - *Lousada: Arqueologia*. In Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Volume 12. Lisboa: Editorial Verbo, p. 574-576.

LEROI-GOURHAN, A. (1964) - *Le geste et la parole. Technique et Langage*. Paris: Albin Michel.

LOPES, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

MENDES-PINTO, J.M. (1992) - *Património Arqueológico do Concelho de Lousada*. In Plano Director Municipal de Lousada. Lousada: Câmara Municipal.

MENDES-PINTO, J.M.S. (1995) - O Povoamento da bacia superior do Rio Sousa: da Proto-História à Romanização. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p.265-283.

SANTOS, A.T. (2003) - *Uma abordagem hermenêutica – fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu)*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Policopiado.

SILVA, A.M.S.P. (Coord.) (2004) - *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal.

SOARES, L.M. (1992) - Contributo para o estudo da morfologia das Serras de Campelos e Maragotos. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*. I Série. Vol. VIII. Porto: FLUP, p.163-320.

STOCKLER, C. (2000) - Reflexões sobre a ocupação Humana no Douro Litoral. In *Al-madan*, II Série. Almada: Printer Portuguesa, p.79-93.

VARELA, J.M.V. (1990) - *Petroglifos de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade Servicio de Publicacións.

### Documentos electrónicos

Câmara Municipal de Lousada. [Em linha]. [Consult. 2 Feb.2006]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.cm-lousada.pt>

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. [Consult. 3 Feb.2006]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.monumentos.pt>

Governo Civil do Distrito do Porto. [Consult. 31 Jan.2006]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.govcivilporto.gov.pt>

Instituto Nacional de Estatística – Portugal. [Consult. 13 Mar.2007]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.ine.pt>

Instituto Português de Arqueologia. [Consult. 2 Feb. 2006]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.ipa.min-cultura.pt>

Instituto Português do Património Arquitectónico. [Consult. 2 Feb.2006]. Disponível em WWW: \_URL: <http://www.ippar.pt>

## **Cartografia**

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: Folha 9-B (Guimarães) e 9-D (Penafiel) [Material cartográfico] Serviços Geológicos de Portugal – Escala 1:50.000. Lisboa: S.C.E., 1986.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 99 [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército - Escala 1:25.000. Lisboa: S.C.E., 1948.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 99 [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército – Escala 1:25.000. Série M888 – Lisboa: S.C.E., 1979.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 99 [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército – Escala 1:25.000. Série M888 – Lisboa: S.C.E., 1998.

Designação	Estado de conservação <sup>a)</sup>	Dimensões actuais dos monumentos
Mamoa n.º 1	Bom	Apresenta 6 metros de diâmetro por 0,5 metros de altura.
Mamoa n.º 2	Bom/Regular	Apresenta 14 metros de diâmetro por 1,5 metros de altura.
Mamoa n.º 3	Destruída	
Mamoa n.º 4	Destruída	
Mamoa n.º 5	Destruída	
Mamoa n.º 6	Destruída	
Mamoa n.º 7	Bom	Apresenta 10 metros de diâmetro por 0,8 metros de altura.
Mamoa n.º 8	Bom	Apresenta 10 metros de diâmetro por 1 metro de altura.
Mamoa n.º 9	Destruída	
Mamoa n.º 10	Destruída	
Mamoa n.º 11	Mau/Regular	Visíveis diversas pedras de granito, provenientes da couraça lítica da mamoa numa extensão de 30 metros, no sentido NO-SE e 15 metros no sentido SO-NE. A altura do monumento é difícil de precisar, dado o seu estado de destruição, não ultrapassando contudo os 0,40 metros.
Mamoa n.º 12	Mau	O monumento não se encontra muito perceptível, não sendo visível o seu tumulus, sendo apenas visíveis algumas pedras em granito, numa extensão aproximada de 15 metros. A altura do monumento é difícil de precisar, dado o seu elevado estado de destruição.
Mamoa n.º 13	Regular	Apresenta-se descaracterizada, sendo visível a presença de elementos pertencentes à couraça num diâmetro aproximado de 20 metros. Apresenta, no seu centro, uma sondagem arqueológica de 6 metros de comprimento por 2 de largura, com uma orientação este-oeste, realizada pela Dra. Margarida Moreira em 1998. Nesta sondagem é visível um esteio, que se apresenta fracturado no seu topo, com uma altura de 1 metro e uma largura máxima de 1,10 m
Mamoa n.º 14	Mau/Regular	Apresenta-se muito danificada no seu limite sul, onde foi destruída por um caminho em terra batida. É visível a presença de elementos pertencentes à couraça num diâmetro aproximado de 35 metros. A altura não ultrapassa os 0,50 metros.
Mamoa n.º 15	Destruída	
Mamoa n.º 16	Bom	Apresenta 12 metros de diâmetro e 1 metro de altura máxima, no seu lado norte. É visível a presença de uma couraça lítica de revestimento do montículo de terra, através da abundância de pequenos blocos graníticos à superfície. Apresenta, no seu centro, uma pronunciada cratera de violação com cerca de 4 metros de diâmetro, aberta no sentido este-oeste, certamente resultante da violação da câmara.
Mamoa n.º 17	Destruída (?)	

**Tabela 5.** Síntese do estado actual dos monumentos que constituem a Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos.

<sup>a)</sup> Adoptou-se para o actual artigo a terminologia estabelecida pela lista do sistema Thesaurus do ENDOVÉLICO do Instituto Português de Arqueologia (IPA).

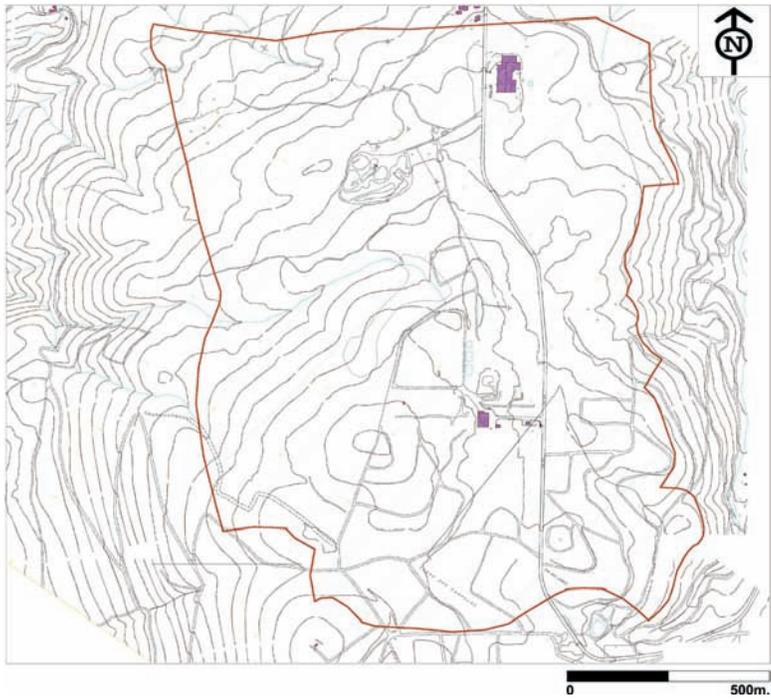


Figura 15. Área de Suspensão Parcial do PDM do concelho de Lousada (Luis Sousa).

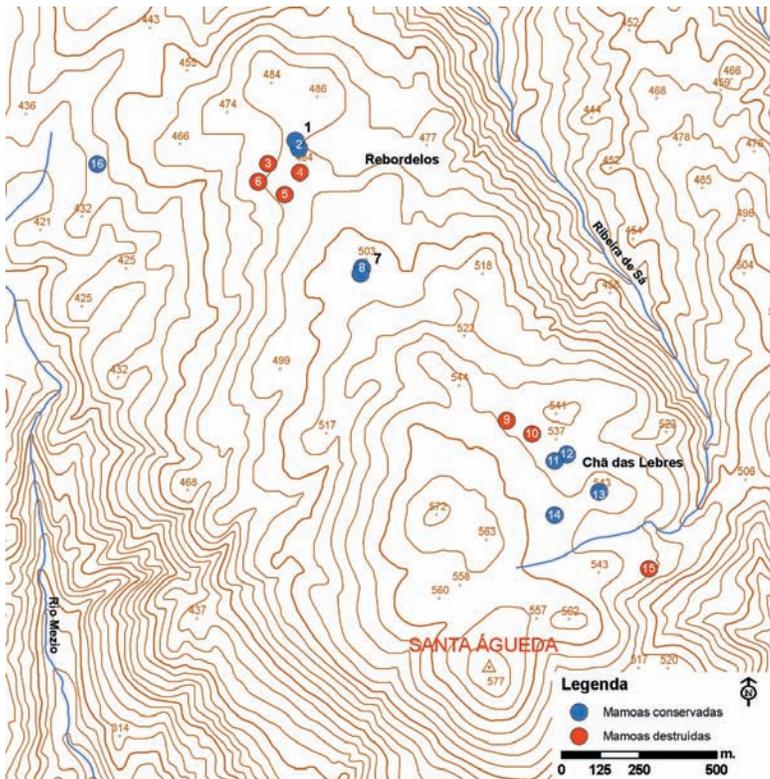
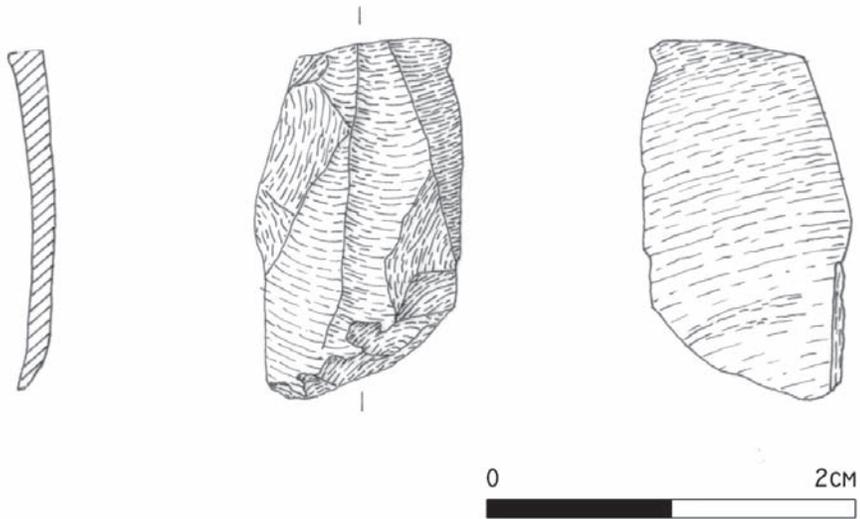


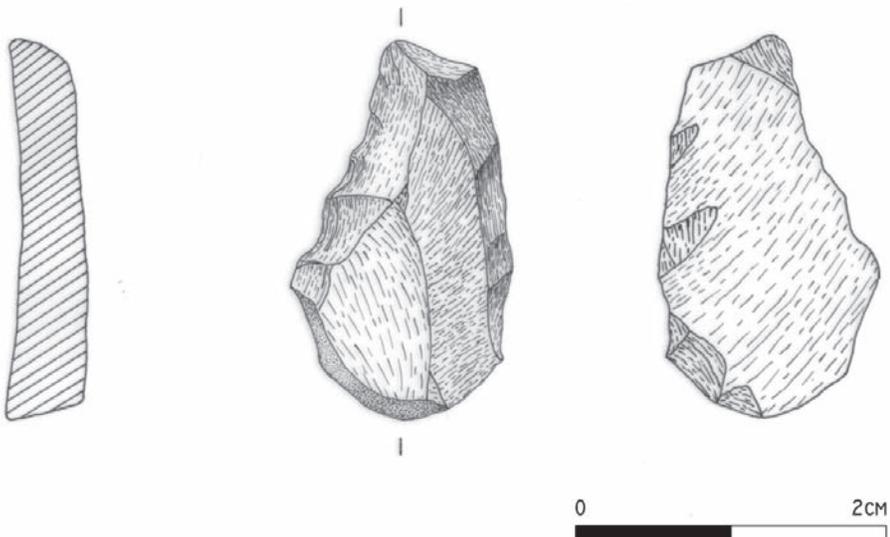
Figura 16. Mapa de altimetria relativo à área geográfica da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos (Luis Sousa).

Espólio recolhido na mamoa 14 da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos										
Cerâmica						Líticos				
Bordos	Fundos	Panças	Asas	Indet.	Total	Lamelas	Lascas	Indet.	Total	Totais
5	2	21	1	10	39	9	5	1	9	48

**Tabela 6.** Espólio recolhido na mamoa 14 da Necrópole Megalítica da Serra dos Campelos, em Agosto de 1976.



**Figura 17.** Fragmento de lamela em sílex, resultante da escavação da mamoa 14, em 1976, inventariado com a referência 76.01.031 (Lustosa – Paços de Ferreira) pelo Museu de Arqueologia e Pré-História da FCFP.



**Figura 18.** Fragmento de lamela em sílex, resultante da escavação da mamoa 14, em 1976, inventariado com a referência 76.01.038 (Lustosa – Paços de Ferreira) pelo Museu de Arqueologia e Pré-História da FCFP.

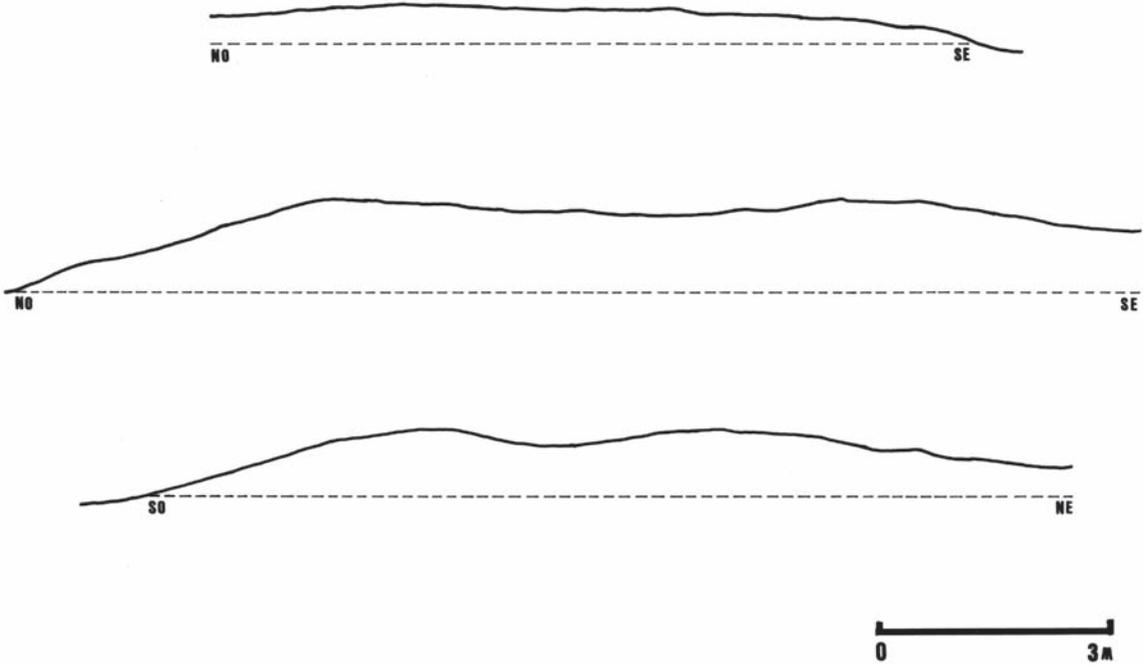


Figura 19. Perfil NO-SE das mamoaas 1, 2 e perfil SO-NE da mamoa 7.

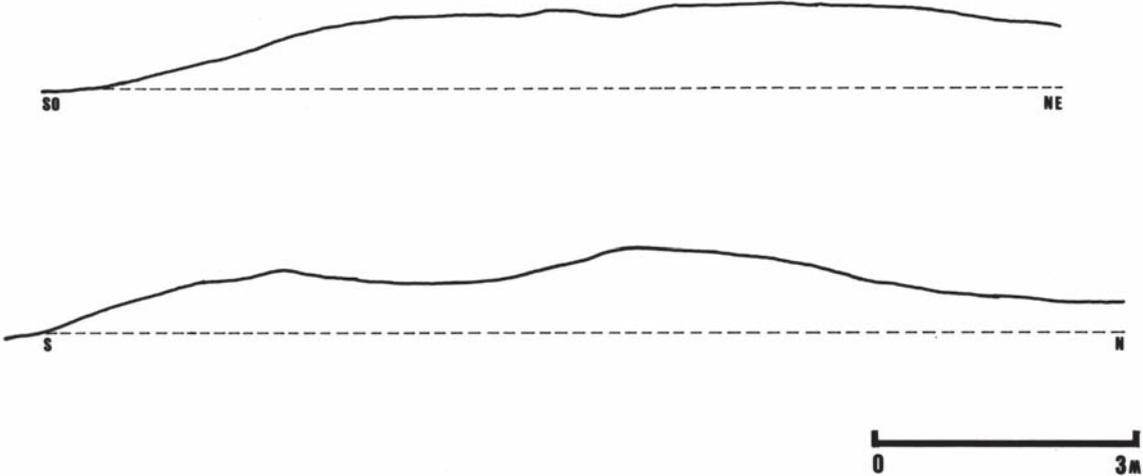


Figura 20. Perfil SO-NE da mamoa 8 e perfil S-N da mamoa 16.



**Figura 21.** Perspectiva geral do penedo 13, que ostenta um motivo cruciforme.



**Figura 22.** Perspectiva geral do penedo 14, na sua face mais insculpada.



**Figura 23.** Perspectiva geral do penedo 17, com o pormenor do motivo cruciforme.

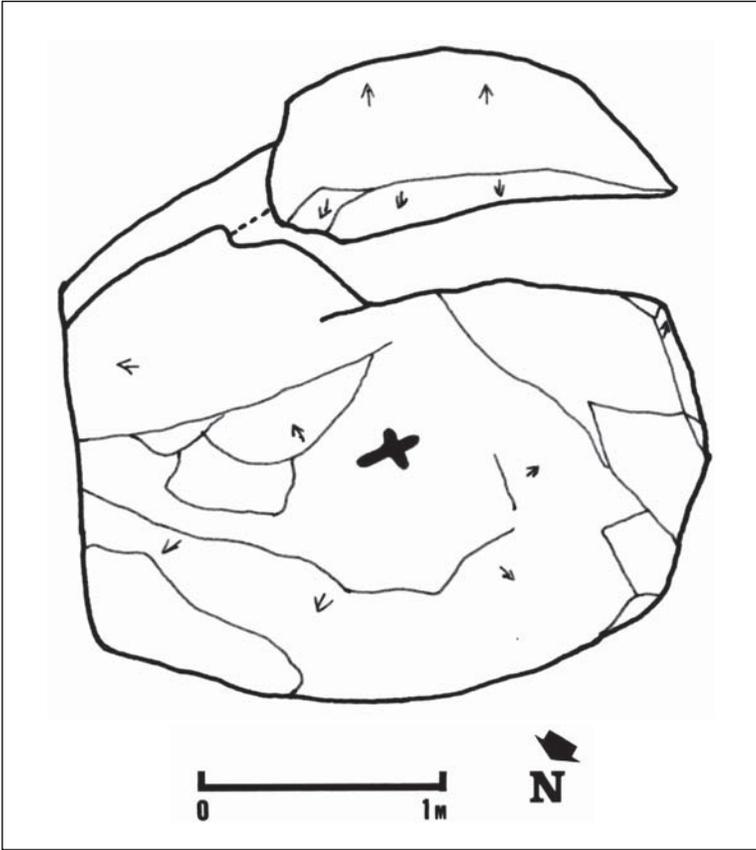


Figura 24. Penedo 13 com motivo cruciforme.

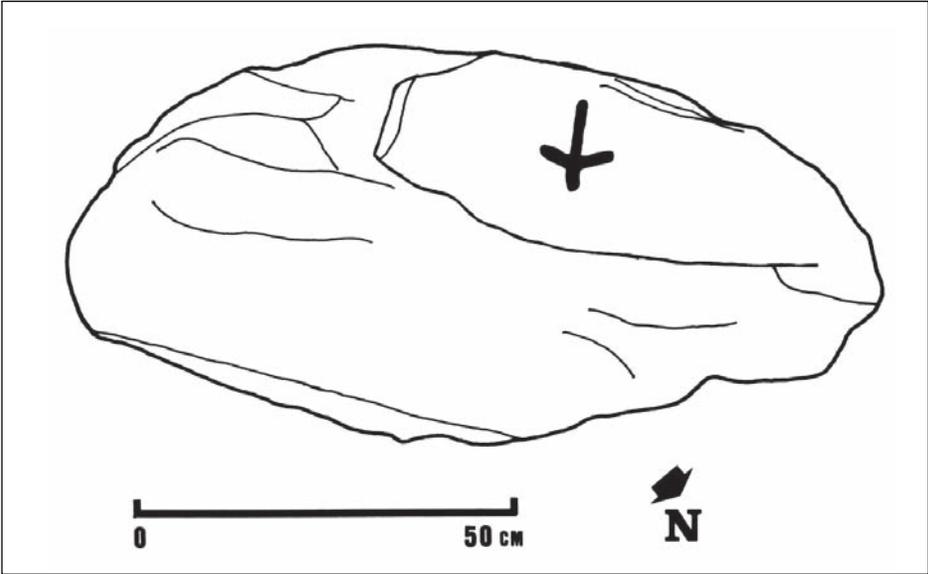


Figura 25. Penedo 17, com o pormenor do motivo cruciforme.